

Ângulos e virtualidades do texto virtual

*(intróito ao livro electrónico «Teoria do Homem Sentado»)
(1996)*

Pedro Barbosa
*Centro de Estudos sobre as Tecnologias da Informação
e da Comunicação (CETIC)*

*o homem pós-moderno
assiste sentado ao mundo
envolto numa névoa de signos*

Resumo

Este texto constitui uma introdução ao meu livro «Teoria do Homem Sentado», publicado em 1996. Ele desenvolve o conceito de “texto virtual” (fornecido em disquete) no campo da chamada Literatura Generativa. Aqui são apresentados alguns exemplos que aplicam o gerador de texto automático «SynText», disponibilizado numa versão demo na Internet. O “texto virtual” (texto potencial informático) é analisada nas suas principais características que fazem a diferença em relação ao “texto fixo” (texto atual), quando a dualidade entre potencialidade/actualidade é a chave no campo das infinitas possibilidades abertas pelo “texto virtual” em oposição ao “texto linear”: MULTITEXTO versus UNITEXTO.

Abstract

This text is an introduction to my book «Teoria do Homem Sentado» (Theory of the Sitting Man), published at 1996. It develops the concept of “virtual text” (supplied on diskette) in the field of the so called Generative Literature. Here are presented some examples applying the automatic text generator «SynText», available in its demo version on the Internet. The “virtual text” (potential text) is analysed in its main characteristics that make the difference to the “fixed text” (actual text), when the duality between potentiality/actuality is the key of the infinite possibilities opened by the “virtual text” in opposition to the “linear text”: MULTITEXT versus UNITEXT.

A recente difusão da Literatura Gerada por Computador parece indicar uma nova tendência literária: não o fim do livro, mas seguramente uma outra maneira de ler, uma nova maneira de escrever e uma atitude alternativa perante a palavra.

Estaremos no limiar de uma nova era da História da Literatura?

Entramos aqui em pleno domínio do Texto Virtual: «Uma obra que existe em múltiplas formas, sob estados diferentes, uma obra que está ao mesmo tempo em todo lado e em lado nenhum» (Alain Vuillemin).

O texto virtual é um texto em potência que contém o programa genético das obras a gerar; por isso as obras concretas apenas existem nele em estado latente, em estado de semente. E do mesmo modo que a semente não é ainda a planta criada, também o programa textual não é ainda a(s) obra(s) que o leitor vai fruir. Nesta perspectiva, o texto virtual é imaterial: o que existe no suporte físico do computador não é um texto, não é um sentido, não tem um significado - é apenas o «motor» de uma pluralidade de realizações textuais por materializar significativamente.

A «*Teoria do Homem Sentado*» é um livro electrónico, não por ser difundido em suporte magnético (disquete) mas porque envolve uma outra noção de texto que não tem nem pode ter cabimento no suporte do livro tradicional: o «texto virtual» implica o inacabamento e a multiplicidade infinita dos textos a gerar pelo programa; os textos não existem no suporte magnético enquanto textos, e portanto não detêm um sentido *a priori*; os textos apenas existem no computador em estado potencial, em estado latente, em estado de projecto, em estado de programa. O texto virtual é uma estrutura literária associada a um motor informático que a põe a funcionar. O computador apenas intervém como um «telescópio de complexidade»: a leitura no ecrã desempenha aqui uma função primordial, pois qualquer fixação em papel, através da impressora, será sempre uma opção secundária, e necessariamente incompleta, por parte do utilizador (leitor). Um «sintetizador de textos» implica a noção de gerador automático: um programa criativo que interpõe a máquina na relação tradicional entre autor e leitor.

Situamo-nos no plano da virtualidade, ou da potencialidade, não no plano da actualidade (ou da materialização textual).

O circuito comunicacional da literatura encontra-se assim alterado, tanto do lado da criação como do lado da recepção. O acto de leitura, enfim, pode tornar-se interactivo, envolvendo a participação do leitor na co-criação do texto final mediante um processo simultâneo de escrita-leitura: a *escrileitura*.

De instrumento de criação literária, o computador passa a ter também um papel como instrumento de leitura: a interposição da máquina, como manipulador de sinais e extensor de complexidade, traduz-se assim necessariamente numa nova atitude do autor e do leitor face à obra computacional.

A função do computador é a de desenvolver até ao infinito a ideia de um autor e de a apresentar em processo ao leitor como um “fantasma de eternidade” (J. P. Balpe). O leitor, no entanto, pode intervir nesse processo interactivamente: lendo, seleccionando, corrigindo, acrescentando, suprimindo, alterando e finalmente gravando o material imenso que o gerador textual lhe fornece numa fracção de segundos. Pode mesmo conceber os seus próprios textos.

Basta para isso associar este “gerador automático” (Sintext) a um qualquer processador de texto.

E então o leitor participa do processo criativo num verdadeiro acto de co-criação: daí nascerá o “*escrileitor*” (*wreader, lauteur*), aquele que pratica a leitura pela escrita e a escrita pela leitura numa nova simbiose interactiva.

É óbvio que tudo isto implica uma modificação no conceito de texto: o texto surge aqui como uma estrutura geradora de sentidos, ou como texto em processo, e não como meio de comunicação intersubjectiva entre autor e fruidor.

Pergunta Philippe Bootz: «Então onde está o texto, quando a sua forma não cessa de se metamorfosear?». A primeira inovação é a introdução do tempo no âmago do texto: um tempo que o infinitiza tanto no campo da criação como no campo da sua recepção.

O texto sintetizado em computador tende sempre a implicar um corte mais ou menos radical na comunicação intersubjectiva entre o autor e o receptor.

1 Texto virtual

Os textos que constituem este livro, a rigor, não existem. Entendamo-nos: não existem como textos. São de certo modo imponderáveis: eles apenas serão gerados quando o leitor executar o programa *Sintext* no seu computador.

Neste sentido, os textos deste “livro electrónico” são textos *virtuais*: eles não existem como textos formados, nem sequer na disquete que o leitor tem entre mãos. A disquete que acompanha esta publicação apenas contém o *projecto* dos textos que serão engendrados pela máquina. Os textos que o leitor poderá ver desfilar no ecrã não existem previamente fixados e portanto não transportam qualquer sentido anterior a não ser aquele que, uma vez germinados, vierem efectivamente a desprender. Uma outra noção de texto? Sem dúvida. Antes de mais nada porque só um computador lhes poderá dar existência concreta: é também neste sentido que o programa *Sintext* é um gerador textual. O utilizador passará a lidar assim com *textos potenciais*: textos que apenas irão actualizar-se diante do seu olhar no ecrã do computador. Só então eles poderão ser fixados na sua concretude semântica: seja gravando-os em suporte magnético ou imprimindo-os em papel através de uma impressora.

Como deverá pois ser encarada a noção de *texto virtual*?

O texto virtual implica a ideia de texto potencial, mas transcende-a. A literatura potencial, como obra-a-construir, já existia desde longa data antes da era do computador: a atestá-lo ficaram, ainda próximas de nós, as numerosas experiências do *Ouvroir de Littérature Potentielle*. Mas o computador veio potenciar, infinitizar, actualizar e reconfigurar a ideia de texto potencial.

Enumerem-se então alguns aspectos do texto virtual nas suas múltiplas facetas.

1. O texto virtual consiste numa estrutura ou modelo (*pattern*) que só se actualiza mediante um número maior ou menor (embora tendencialmente infinito) de textos variacionais concretos. Toda a arte variacional consiste na realização de alternativas em torno de uma ideia-motriz: por isso o texto variacional é múltiplo, multiforme e multi-significativo.

2. O texto virtual desenvolve-se no tempo: ele só se realiza satisfatoriamente mediante o fluir contínuo de novas configurações ou estados parciais sucessivos a exhibir, por exemplo, de forma volátil no ecrã de um computador, já que absurda seria a sua materialização integral através do débito interminável de papel contínuo a sair automaticamente de uma impressora. Porque o texto virtual é um “texto infinito”.

3. Neste sentido, ao texto virtual repugna o papel: porque o papel é um suporte fixo, estável, consolidado, contrário à natureza fluida, móvel, instável e de contornos indefinidos assumida pelo texto virtual. O texto virtual apenas convoca o papel para fixar algumas das suas metamorfoses concretas quando elas se justificam face ao enorme (incomensurável) *campo de variações* a actualizar.

4. O texto virtual apela assim para uma leitura múltipla, variacional, repetitiva, mas semanticamente sempre renovada.

5. O texto virtual, tendo em conta a sua natureza potencial, só pode verdadeiramente ser desenvolvido, na sua tendencial infinitude, por um algoritmo ou *programa gerador* que o actualize na sua contínua espiral de formas novas e de sentidos metamórficos.

6. Quando tal algoritmo é configurado num programa de computador, e desenvolvido por um sistema informático, falaremos então de *gerador textual automático*.

7. A autoria do texto variacional, por conseguinte, só pode abranger o projecto, o modelo, a estrutura (*pattern*) do conjunto de textos a realizar: o sentido concreto e a forma definitiva assumida por cada uma das suas múltiplas variações escapam, em maior ou menor grau, ao seu autor. Quando a potencialidade do modelo é suficientemente ampla no domínio do campo de variações (caso contrário perderia o valor potencial que precisamente o alicerça e justifica), o autor não consegue prever com precisão o significado

concreto resultante das sucessivas metamorfoses a realizar pela máquina. Daqui se depreende que o autor não é responsável (ou não é inteiramente responsável...) pelo que cada texto efectivamente realizado dirá, em concreto, na sua singularidade.

8. Estamos perante uma “abertura estrutural” que é imanente a qualquer obra potencial: abertura estrutural do modelo que transcende a mera abertura semântica inerente a qualquer texto singular concretizado.

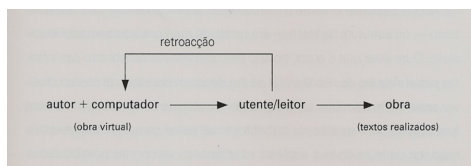
9. Neste sentido se poderá dizer que o texto virtual é *imaterial*. O que existe no suporte físico de um computador não é um texto, não é um sentido, não tem, nem pode ter, um significado preciso. O programa executável pela máquina é, sim, o “motor” de uma pluralidade de realizações textuais por materializar significamente. Um *gerador textual* é um programa de computador que se configura como o “código genético” de uma infinidade de textos por nascer.

10. O texto virtual é então uma “semente”, ou um “cromossoma”, que contém em si potencialmente a forma e o sentido dos novos seres textuais aos quais incumbe dar nascimento.

11. Chegamos assim à noção de “texto-ovo” ou “texto-semente”. E tal como o ovo não é ainda o animal que dele irá nascer, nem a semente é a árvore gerada, também o texto virtual não deverá ser confundido com a obra que o leitor irá fruir. O texto virtual é o substrato de um «programa genético» de obras múltiplas a realizar pela máquina no interior de um *campo de possíveis*.

12. Compreender-se-á agora melhor porque chamamos a este trabalho um *livro electrónico* (não confundir esta acepção aqui com texto digital ou o hoje corrente e-book). É que todo ele envolve uma nova relação com as palavras, as quais surgem inseridas, desde o seu nascimento até à sua morte, num contexto outro de comunicação literária. O circuito literário tradicional surge aqui alterado nos seus múltiplos componentes: na relação autor/texto, na relação texto/leitor, na relação autor/leitor e na própria noção de Texto.

Entramos no domínio do Texto concebido como pura «máquina verbal»: ou do texto como **estrutura geradora de sentidos**.



autor + computador à utente/leitor à obra(s)
(obra virtual) (retroacção) (textos realizados)

2 Um sintetizador de textos chamado Sintext

O Sintext (SINtetizador TEXTual) pode ser considerado como um gerador polivalente de textos literários. Uma sua versão de demonstração para a Web poderá ser consultada e testada *online* em: <http://cetic.ufp.pt/sintext.htm>

Ao conceber-se o *Sintext* (Copyright P. Barbosa & A. Cavalheiro, 1996) partiu-se do pressuposto de que qualquer texto - ou estrutura de texto - é o resultado de um projecto sempre incompleto. Quer dizer que o autor, no seu percurso através do labirinto das infinitas possibilidades de escolha que se lhe deparam durante o processo criativo, sabe muito bem que as escolhas feitas não são as únicas nem porventura as melhores: mas se ele trabalha em simbiose com um computador, e a máquina pode ajudá-lo a explorar esse imenso campo de possibilidades diferentes, nele descobrindo talvez soluções inesperadas, ou deixando-lhe pelo menos a certeza (sempre relativa, claro) de ter escolhido o melhor caminho no interior desse mesmo labirinto de articulações e de sentidos...

Daqui derivam duas possibilidades: ou o autor decide apresentar a sua própria escolha ao leitor (a sua escolha entre a infinidade de possibilidades diferentes no interior de uma mesma estrutura textual - algo que será feito mais tarde com a peça *Alletsator*), ou então o autor decide apresentar ao leitor uma estrutura de textos em estado potencial (programa) remetendo para o leitor/utilizador a possibilidade de ele próprio explorar, com a ajuda do computador, os múltiplos efeitos de sentido

actualizáveis. A primeira atitude poderia ser incluída na linha de uma **literatura variacional** (o próprio autor é quem propõe à leitura uma multiplicidade de textos, diferentes no seu sentido, mas equivalentes na sua estrutura); a segunda atitude poderia ser remetida para a linha de uma **literatura potencial**, mais ou menos interactiva, onde o leitor poderá assumir o papel de «co-criador» (leitura através da escrita).

Em qualquer dos casos o computador funciona, seja como um “amplificador de complexidade”, seja como um actualizador das capacidades textuais: quer dizer, sempre como uma prótese mental prolongando o autor de uma forma simbiótica... A única tarefa requerida ao utilizador do programa será a de conceber um modelo de texto (cujo algoritmo poderá consistir simplesmente num primeiro texto escrito, mas segmentado por parênteses rectos, os quais delimitarão os elementos a recombinares), eventualmente alimentando essa estrutura textual com um reportório lexical próprio, mais ou menos extenso: o computador oferecer-se-á então como um instrumento informático direccionado para a miragem da perfectibilidade.

Do ponto de vista técnico, o programa *Sintext* foi concebido em linguagem C++ como um “interpretador” que opera sobre um texto previamente “etiquetado”. A linguagem do *Sintext* foi desenvolvida de forma a facilitar a escrita do programa, deixando o utilizador livre para dedicar a sua atenção aos aspectos estruturais e semânticos do texto, sem se preocupar com os problemas habituais da respectiva programação.

Apenas com um intuito exemplificativo e documental, torna-se possível evocar o protótipo italiano «Tape Mark» de Nanni Balestrini, considerado o primeiro texto gerado em computador; alguns textos pessoais extraídos de *Literatura Cibernética 1 e 2*, como «Aveiro», «Porto» ou «História de um Homem Cidadino» (Pedro Barbosa); e bem assim a recuperação renovada dos «Poemas V2» de Angel Carmona; ou a emulação dos «Aphorismes» franceses informatizados pelo Grupo Oulipo (Ouvroir de Littérature Potentielle) sobre uma ideia de Marcel Benabou.

No entanto, o objectivo essencial de *Sintext* foi o de proporcionar um instrumento informático para a criação de novos textos, segundo algoritmos que tanto podem assentar num «gerador» de tipo combinatório como num «gerador» de tipo aleatório.

Quer isto dizer que o programa permite, seja a rotação combinatória dos elementos de um texto, seja a sua desarticulação aleatória. Basta para tanto partir de um dado modelo textual (texto-matriz) e fragmentá-lo adequadamente em blocos (elementos) intercambiáveis, mediante a simples inclusão de parênteses rectos no texto, etiquetados, o que pode ser feito de uma forma linear ou hierarquizada (parênteses dentro de parênteses).

O arquivo *Gertexto*, onde é possível ir armazenando todos os textos gerados automaticamente pelo Sintext, constitui assim um módulo fundamental onde o utilizador do programa, mediante um vulgar editor ou um processador de texto (Edit, Works, Word...), poderá efectuar a sua própria selecção, arranjo, recomposição ou aperfeiçoamento do material textual proposto pela máquina.

Despoletador da imaginação e desarticulador da linguagem, este logicial não dispensa a intervenção humana final, e por este método se contornam as insuperáveis dificuldades de programação linguística, sobretudo quando se pretende atingir um automatismo total (projecto hoje aliás bastante discutível).

O princípio é: **«A máquina põe, o homem dispõe»!**

O programa Sintext pode ser deste modo direccionado segundo três vectores distintos e complementares. A saber:

A) Uma linha de Criação Assistida por Computador:

1 - Literatura Algorítmica: ao desenvolver uma ideia de composição para lá dos limites estritamente humanos, a máquina funciona aqui como um amplificador de complexidade que permitirá ao escritor explorar todo um campo de variantes possíveis tendencialmente ilimitado (Ex: «Cosmic», «Ofício»). O computador torna-se neste caso um extensor da criatividade: ele converte o finito em infinito (A. Moles).

2 - Literatura Aleatória: ao utilizar a “genial estupidez” da máquina para desarticular a linguagem e a libertar das rotinas mentais a que o escritor se encontra sempre mais ou menos vinculado, o programa abre-lhe deste modo o acesso à exploração de novos efeitos linguísticos, associativos e metafóricos imprevisíveis à partida (Ex: «Afors», «Homem»). A máquina é aqui um auxiliar da pesquisa verbal.

B) Uma linha de Aplicação Didáctica: ao permitir a reescrita de textos clássicos ou quaisquer outros textos pré-existentes, o programa renova-lhes intratextualmente o seu inesgotável potencial de sentido (Ex: «Máquina de emaranhar paisagens» ou «Cinco canções lacunares», segundo Herberto Helder).

C) Uma linha de Experimentação Teórica assente no método da modelização (análise por síntese e síntese por análise): seja testando um determinado modelo de estrutura textual, seja explorando heurísticamente o poder explicativo de uma determinada teoria literária, seja avaliando dinamicamente, pelo método da simulação, a operatividade de um determinado modelo literário (Ex: «Haikai», «Alea»).

Para se usar o interpretador Sintext devem ser executadas, basicamente, as seguintes tarefas:

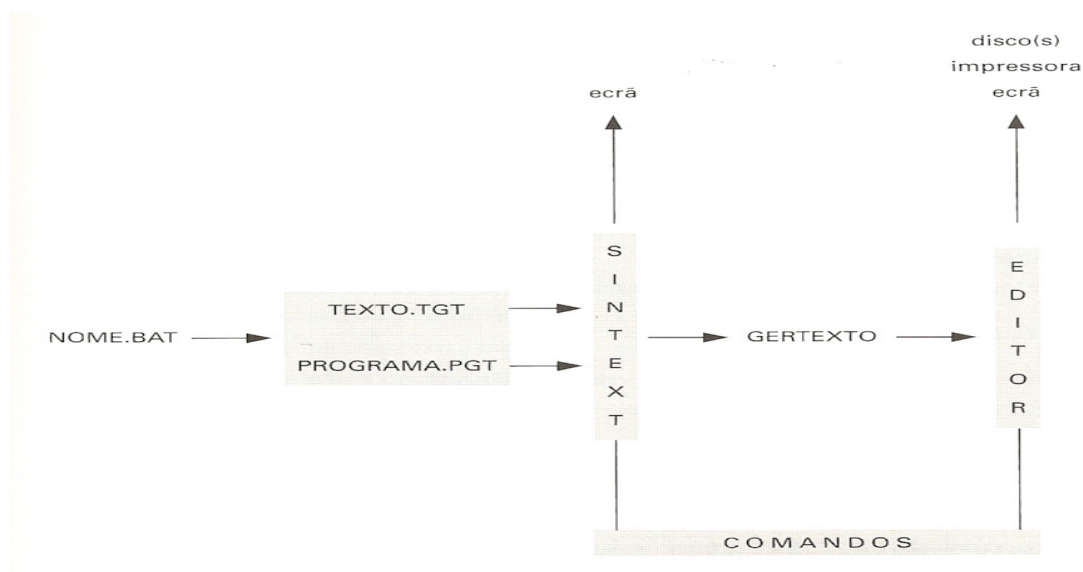
1. Criar um texto (TGT) cuja divisão (fragmentação) será realizada através de uma etiquetagem; esta é a tarefa mais pesada, visto que é nesta fase que a divisão do texto carece de ser estudada, devendo ser criadas as listas de palavras a permutar, a estrutura a utilizar, etc. Posteriormente o Sintext verifica se a etiquetagem está correcta.
2. Criar um pequeno programa (PGT) que utilize o texto etiquetado para produzir novos textos. O Sintext verifica se o programa está escrito correctamente.
3. A leitura do texto fragmentado (TGT) e do programa referido (PGT) é executada automaticamente quando o Sintext arranca, caso o texto fragmentado e o programa tenham um determinado nome (nome.BAT) e estejam no mesmo directório de trabalho em que está o Sintext. Estes automatismos permitem utilizar o Sintext a partir de programas «.bat» criados em DOS.
4. Existe uma instrução que permite que o texto gerado vá ser gravado num

ficheiro chamado GERTEXTO. Posteriormente este ficheiro pode ser utilizado para selecção e alteração, recorrendo a um editor/processador de texto.

5. O Sintext utiliza com sucesso a recursividade: um elemento de texto pode conter elementos de texto que contêm elementos de texto...

6. A principal intenção que esteve presente na criação do Sintext foi a de libertar o utilizador das tarefas de programação numa linguagem algorítmica tipo Basic, Fortran, Pascal, Algol, C++, etc., deixando-o livre para a divisão do texto em elementos, tarefa primordial neste tipo de trabalho literário.

7. As instruções da linguagem Sintext estão neste momento escritas em português, mas o programa está construído de uma forma em que é relativamente fácil convertê-lo para qualquer outra língua.



3 Entre o texto de partida e o texto de chegada.

O texto virtual implica dois estádios: o texto-matriz e os múltiplos variacionais. Entre a origem e a chegada o que fica?

Qual o labor realmente criativo do programa?

Será que o computador se justifica introduzido no circuito literário entre o autor e o leitor?

Nada melhor do que apelar para um caso particular e seus resultados concretos. Veja-se. Herberto Hélder escreveu (uma só vez) em «Canção Despovoada»:

Este paraíso é de víboras azuis.

Sobre este mesmo material verbal de partida (texto-matriz), o Sintext gerou (*n* vezes) durante as suas múltiplas execuções:

Este poeta é de grutas azuis ...

Este silêncio é de folhas azuis ...

Este pénis é de mãos azuis ...

Este soneto é de jubas azuis ...

Este poeta é de noites azuis ...

etc.

Quando, no mesmo poema, o poeta escreve:

Ofereço-te um lírio - diz a canção sentada.

O computador logo transforma esta imagem numa espécie de refrão ou *leitmotif* incessantemente renovado:

Ofereço-te um espaço - diz a cegueira sentada ...

Ofereço-te um pneu furado - diz a roupa sentada ...

Ofereço-te um espaço - diz a chuva sentada ...

Ofereço-te um movimento - diz a avenca sentada ...

Ofereço-te um sono - diz a flor sentada ...

Ofereço-te um rosto - diz a vocação sentada ...

etc ...

A «Canção em quatro sonetos» finaliza, no original, com este verso:

Evapora-se a roupa, mas não sinto.

E a máquina desmultiplica indefinidamente esta mesma estrutura poética:

Evapora-se a noite, mas não penso ...
Evapora-se a curva, mas não sinto ...
Evapora-se a paisagem, mas não sinto ...
Evapora-se a maçã, mas não penso ...
Evapora-se a vida, mas não sinto ...
Evapora-se a cegueira, mas não sinto ...
Evapora-se a voz, mas não penso ...
...etc ...

Não se trata apenas de uma operação de multiplicação de sentidos: quando o objectivo é a desconstrução da linguagem, à custa precisamente da neutral indiferença da máquina, poder-se-á reconhecer que o computador aqui é o instrumento ideal para esse efeito de busca do imprevisto e do ineditismo imagético. «*Ofereço-te um pneu furado - diz a roupa sentada*», uma «*rede dolorosa de um pénis que se ilumina*» ou as «*noites ciclistas de energia e de tristeza*», são exemplos óbvios do que a máquina criou e o poeta provavelmente não diria!

A máquina, exactamente em virtude da sua indiferença de máquina, será capaz, em certos domínios, de nos ajudar a ultrapassar as nossas próprias limitações. A vantagem que ela tem sobre nós é precisamente a de não estar condicionada por tradições linguísticas, rotinas mentais, hábitos associativos, preconceitos estéticos, inibições, recalcamientos e quaisquer tabus de ordem psicanalítica ou mesmo social. Liberto de tais peias na sua neutralidade maquina, o computador pode tornar-se um instrumento precioso na exploração de zonas a nós interditas, por muito esforço que ousemos pôr em vencer tais barreiras. A máquina, se devidamente programada para esse fim, poderá penetrar espaços novos da experiência linguística, desinterditá-los, e revelar-nos todo um universo literário por desbravar: exactamente nesse espaço que se abre para lá da fronteira dos nossos hábitos estéticos e das rotinas mentais.

Percorra-se então agora um primeiro fragmento completo gerado pelo *Sintext*:

O poeta aperta o sono, e derrapa.
o Rosto

é branco, o espaço
plano, a morte
certa. Não há curva
de pontos cardeais.
Putá de noite, subdesenvolvida.
Entre as rimas e o instante aparece e des
aparece uma rosa. No dia de Verão,
confuso,
chegam uvas negras e varandas
de maçã que batem
em suas ligeiras casas tremendamente claras.
E os lugares
todos esperam doces jardins que assomam
a pontuação da espuma.
A cabeça
levanta grutas cruéis durante a combustão
das linhas
do paraíso. Pintadas na distância
com as folhas respirando brutalmente - que
melancolia
combatem, a reluzir,
sob as glicínias
de praias implacáveis?
Uma loucura de mel
fervente, uma rede dolorosa de um pênis que se ilumina, uma morte
incandescente na parte
mais forte da magia - Onde os retratos pintados
no fundo dos tempos
da inocência?
Suas uvas negras

rutilantes latejam
com uma voz horrível.

Porque há maneiras graves de os mortos
viajarem: noites ciclistas de energia e de tristeza.

Importa esclarecer que neste caso o programa foi alimentado com um material verbal constituído precisamente por todos os poemas integrantes das *Cinco Canções Lacunares*, de Herberto Helder: «Canção despovoada», «Canção em quatro sonetos», «Um deus lisérgico», «Bicicleta» e «Os mortos perigosos, fim». A partir do directório de demonstração “*Demo*”, o leitor poderá percorrer a infinidade de variações daí resultantes e experimentar as virtualidades do texto, bastando para isso invocar o ficheiro “.bat” correspondente (para tal coloque-se no directório de demonstração e digite apenas: 5CANLAC). Com este mesmo material poético poderá então gerar um reportório inesgotável de novos textos e obter na sua impressora, a um débito de centenas de páginas por hora (ou mais!), exemplos como este:

Num tempo sentado em espuma uma infância imersa
cantava o espaço.
Era depois da morte.
Num tempo: morte,
avencas
dormindo. A leveza tinha flor. Então a chuva
pronunciava lenços, pombas
impressas. Arrefeciam terras no corpo
posterior
àquele enigma.

O mel
tem a sua
incli

nação perigosa: quando se toca,
a combustão queima. O sorriso tem uma vida
ao fundo: treme. Este
pénis é de mãos azuis.

Aparece com a rapariga de uma noite mortal. Quem se alimenta de morte,
quem
se despe entre flores encostadas, pergunto,
quem ama até perder o mês?

Ofereço-te um pneu furado
- diz a roupa sentada.

Olha: eu queria saber em que animal
se morre, para ter uma chama e com ela
atravessar paisagens leves e ardentes e crimes
sem rosa. Existe nas máquinas resolutas
um lírio para
a poeira tremer, e o teu ar
se voltar lentamente cheio
de febre para o país de uma criança
terrível e fria.

Em «Os mortos perigosos, fim», por exemplo, Herberto Helder deixou escrito:

Uma rede de mel fervente, uma rede dolorosa de um mel que se ilumina.

E a máquina sugeriu:

Uma loucura de mel fervente, uma rede dolorosa de um pénis que se
ilumina.

Ainda no mesmo texto de partida:

Uma avenca incandescente na parte mais forte da cabeça.

E o *Sintext* a sugerir:

Uma morte incandescente no suspiro mais forte da magia.

De novo o texto primitivo:

Da noite chegam paisagens de água,
que batem em suas grutas tremendamente claras.

E o computador a sugerir:

Da morte chegam mãos de criança,
que batem em suas folhas tremendamente claras.

Ainda o texto original:

*Saber que lenço lhes pertence,
que feixe de linhas taciturnas urdiu sua cara largada no ar.*

E de novo o programa:

Saber que nome lhes pertence,
que coração de ilhas taciturnas urdiu sua aterradora curva
lançada no ar.

Uma vez mais o texto de origem:

*Não faças com que esse mês te procure:
leva os mortos como se fossem um lenço verde ...*

E de novo o computador a sugerir:

Não faças com que esse tecido doloroso te procure:
leva planos como se fossem um nome verde

Em «Canção despovoada», Herberto Helder deixou escrito:

Num tempo sentado em seda, uma mulher imersa cantava o paraíso...

E o computador, com o seu próprio material poético, desmultiplicou os sentidos e propôs (n vezes):

Num tempo sentado em água, uma memória imersa cantava o
paraíso ...

Num tempo deitado em espuma, uma infância imersa cantava o
espaço ...

Num tempo sentado em doçura, uma criança imersa cantava o
tecido doloroso ...

Num tempo sentado em fruta, uma doçura imersa cantava o
sol ...

Num tempo escoado em água, uma cabeça imersa cantava o
mês absoluto ...

Num tempo deitado em morte, uma leveza imersa cantava o
tempo ...

Num tempo sentado em rapariga uma rede imersa cantava o
sono ...

Em «Canção em quatro sonetos», para citar outro exemplo, Herberto Helder escreveu:

*A maçã precipitada, os incêndios da noite, a neve forte:
e a rude beleza da cabeça - .*

E a máquina, entre muitas outras variantes, gerou:

A velocidade precipitada, os símbolos da noite, a neve forte:
e a rude beleza da música –

A flor precipitada, os mapas da noite, a neve forte:

e a rude beleza da água -

A voz precipitada, os dedos da noite, a neve forte:
e a rude beleza da morte -

Não haverá razão para se ficar surpreso ante uma gama tão variada de resultados potenciados pela máquina? Não se poderá mesmo dizer que aqui os resultados superam - quantitativamente, mas muitas vezes também qualitativamente - o texto de partida? Ou que a máquina supera o homem? E que o programa potencia o poeta?

Sem dúvida que uma tal prestação literária não oferece um rendimento a 100%. Mas para o arranjo, a selecção e a montagem final da multiplicidade dos textos propostos pelo computador aí está o ficheiro “*Gertexto*”, onde o utente do Sintext poderá armazenar toda a soma dos resultados debitados pela máquina a uma velocidade incontrolável: depois, é só trabalhar o produto final recorrendo a um vulgar processador de texto. E em cada dia o utilizador poderá fabricar um novo livro de poemas: seja libertando toda a carga semântica potencialmente contida num texto pré-existente, seja potenciando até à exaustão uma ideia sua.

Em «Os mortos perigosos, fim» Herberto Helder escreveu (uma só vez):

*Os jardins contorcem-se entre o estio e as trevas.
Avança o ar ...*

Em «5canlac» o *Sintext* produziu (*n* vezes):

Os buracos contorcem-se entre o rosto e as trevas.

Avança o nome ...

Os mortos contorcem-se entre o mel e as nuvens.

Avança o éter ...

Os ciclistas contorcem-se entre o vício e as trevas.

Avança o pénis ...

Os dedos contorcem-se entre o nome e as trevas.

Avança o coração ...

Os rebanhos contorcem-se entre os confins e a noite.

Avança o pneu furado ...

Os corredores contorcem-se entre as sedas e o mar.

Avança o silêncio ...

etc.

Quaisquer que sejam os critérios literários, não se poderá concluir que também aqui o fruto supera a semente?

É certo que toda a máquina existe para superar as capacidades humanas. Só nessa medida, aliás, ela se justifica. Mas não será pacífico aceitar, apenas apoiados na prática, que o computador funciona aqui como um “telescópio de complexidade” capaz de expandir largamente a amplitude de uma ideia literária?

Eis um último fragmento, gerado em movimento contínuo (a partir do material armazenado no arquivo *Gertexto*):

Arrefeciam grutas no paraíso posterior

àquele enigma:

vivem imóveis

os jardins das vozes. Nasciam linhas de vento se alguém,
sorrindo, respirasse.

O corpo

tem a sua

incli

nação perigosa: lírio de laranjas sobre a candura.

Quando se toca,

a dança, queima. O relâmpago tem uma cidade ao fundo:

treme. Há quem fique num paraíso para assistir ao ar.

Terrível é o ar da janela.

Anda-se pela canção

com as folhas a ferver, diz-se: o peixe o nome e as

violas. Há um crime sagrado onde
o amor
aparece. Digo: clareira.

Velocidade do mel. Oh,
inteligência. Aparece com a canção
de uma noite mortal.
Ofereço-te um sono - diz a flor,
sentada.

Olha: eu queria saber em que escuro
se morre, para ter uma pintura e com ela
atravessar praias leves e ardentes e crimes
sem infância. Existe nas Colinas
um frio para
a poeira tremer, e o teu mel
se voltar lentamente cheio
de febre para o peixe de uma rosa
terrível e fria.

A morte
tinha água.
Arrefeciam noites no lado posterior
àquele enigma. Porque tem o sono a salsa?
Nasciam vozes de poeta se alguém,
sorrindo, respirasse.

Evapora-se a noite
mas não sinto.

Nesse espelho nocturno escrevo o que grito, ou então

que durmo,

ou que às vezes enlouqueço.

Batem as paisagens da flor

um pouco abaixo do silêncio. Quero saber

o sono de quem morre: o vestido de frio ardendo,

os pés em movimento no meio

do meu retrato.

A velocidade precipitada, os símbolos da noite,

a neve forte:

e a rude beleza da música - Uma rapariga de sopro cru

vive em mim sem dar um passo, amando

respirar em sua morte, o espaço

do sangue maternal.

O meu vento, parou diante

do ouro mortal que o guardara.

Evapora-se a paisagem mas não sinto.

Nesse ânus nocturno escrevo o que grito, ou então que durmo, ou que às vezes enlouqueço.

O poeta dá à beleza como os outros animais?

Arrefeciam paisagens no adolescente

posterior

àquele enigma:

vivem imóveis

os jardins das vozes. Quando se toca,

a seda, queima. O mês

treme. Há quem fique num sorriso para assistir ao ar.

Terrível é o ar da inocência

e das grutas paradas na atenção. Este

silêncio é de folhas azuis.

Digo: velocidade do nome.

Quem se alimenta de crianças

quem

se despe entre folhas encostadas, pergunto,

quem ama até perder o algodão?

Ofereço-te um espaço

- diz a chuva

sentada.

Ah, um Rosto

é o que eu procuro

nas ilhas tenebrosas. Por isso canta essa flor para a voz

de um tempo -

Olha: eu queria saber em que coração se morre, para ter

uma morte

e com ela

atravessar uvas negras

leves e ardentes e crimes

sem cabeça. Existe nas glicínias

um paraíso para

a poeira tremer, e o teu nome se voltar lentamente cheio

de febre para o remoinho de uma loucura

terrível e fria.

Entre as rimas e o oxigénio selvático,

avança o pénis

a correr com as patas

sobre a noite branca.

Arrefeciam linhas no dia posterior

àquele enigma:
da noite
chegam linhas de água que batem
em suas vozes tremendamente claras.

Na pontuação da loucura
a velocidade
levanta linhas cruéis durante a combustão
das vozes
do poeta -
pintadas na dança,
sob as ilhas de mãos
implacáveis,
uma voz de mel
fervente canta.

Não faças com que esse granito te procure.
Leva buracos como se fossem um coração verde
chegado
de uma criança
transparente. O silêncio - está cheio
de álcool gelado - Não te sentes atrás
de um lenço parado.
Porque tem o paraíso a salsa ?
Quando se toca,
a noite
queima.
Há quem fique num sono
para assistir ao ar.

Este

poeta é de noites azuis:
então veste-se.
Quem se alimenta de pintura quem
se despe entre ligeiras casas encostadas, pergunto,
quem ama até perder o ar ?

O computador é, por definição, uma prótese mental: um amplificador das nossas capacidades intelectuais, desde a memória às operações lógico-combinatórias. E isto tanto no domínio da ciência como no domínio da arte. Digamos então que o programa *Sintext* se propõe precisamente como uma prótese literária: ao leitor/utente ficará a habilidade de o usar com maior ou menor criatividade!

4 Sinopse teórica

Este programa situa-se na relativa continuidade da «Literatura Cibernética», que perseguia ainda a miragem do automatismo textual, mas incorporando nele a atitude mais recente de uma interacção progressiva com o utente/leitor.

Limitar-me-ei aqui a algumas definições muito sintéticas que permitirão aclarar melhor o quadro teórico do actual projecto.

1) COMPUTADOR = manipulador de signos.

Por outras palavras: o computador é encarado aqui como o manipulador de um conjunto de sinais linguísticos (reportório) obedecendo a um conjunto de regras (gramática) de acordo com um conjunto de instruções definidas pelo programa (algoritmo). Sob este aspecto o computador apresenta-se como uma máquina, dita *não-determinística*, onde a informação de saída (*output*) é diferente da informação de entrada (*input*): isto em oposição às máquinas ditas *determinísticas* - tal como um gravador áudio ou vídeo - onde a mensagem aí armazenada permanece sempre idêntica a ela mesma.

2) LINGUAGEM: desde Lucrécio até Kristeva, passando por escritores como Jorge Luís Borges, a longa tradição atomista concebe a linguagem como uma combinatória

infinita de átomos linguísticos: letras, fonemas, vocábulos, sintagmas, frases, etc.

3) OBRA ARTE: estrutura de signos recombinados de maneira inovadora.

4) CRIAÇÃO ASSISTIDA POR COMPUTADOR: tal como fez Gianni Rodari na sua *Gramática da Fantasia*, invocando a fórmula de Nake, poder-se-ia propor aqui também um modelo de programa estético numa equação a três elementos:

$$C = I (S + R)$$

Ou seja: o acto de Criar (C) no computador equivale a fornecer um reportório finito de Sinais (S), um número finito de Regras (R) para combinar esses sinais entre si, e uma Intuição (I), simulada pelo algoritmo, que determine quais as regras e quais os sinais que serão seleccionados de cada vez. O conjunto constitui o trinómio que define o Programa Estético. Assinale-se que o I pode representar a intervenção do *acaso* como simulador da Imaginação: obtém-se então um “binómio fantástico” onde S e R, por um lado, são a norma, enquanto I é a liberdade ou o arbítrio criativo.

5) PROGRAMA ESTÉTICO NA L.G.C.: a fórmula anterior resume com efeito a criatividade artística por computador na sua forma mais abstracta. O “I” da Imaginação, no domínio da Literatura Gerada por Computador (LGC), engloba a componente do programa que costumamos apelidar de “gerador” e que está na base do seu dinamismo: em geral consiste num procedimento de tipo aleatório, combinatório ou algorítmico. Na era do computador pessoal poderá mesmo acrescentar-se a interactividade.

6) CAMPO CRIATIVO: a criação do modelo de obra continua a ser um trabalho de concepção humana (criação ontológica ou essencial, para empregar uma expressão cara a Abraham Moles); a exploração do campo dos possíveis, aberto por esse modelo potencial, é que será tarefa da máquina, a qual pode fazê-lo de um modo infinitamente mais rápido e rigoroso do que nós (criação variacional em torno de um modelo, ainda segundo Moles).

Poder-se-ia a este propósito evocar aqui o esquema de Max Bense:

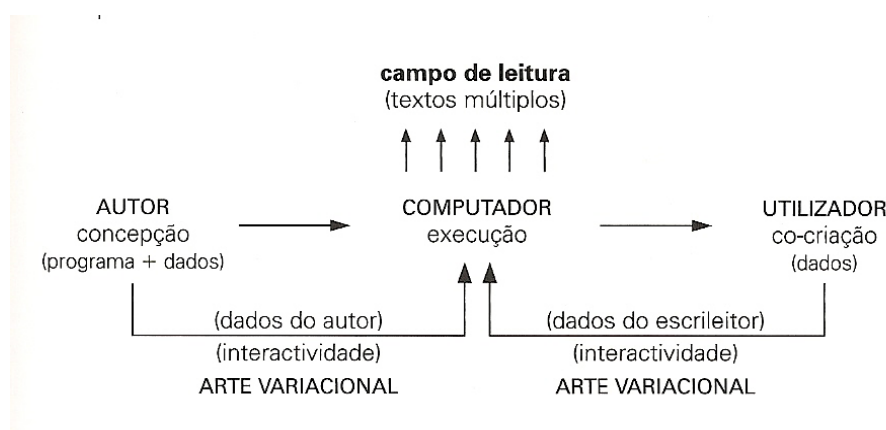
artista + computador -> obra(s)
(criação) (execução) (múltiplos)

O qual de certo modo implica a distinção estabelecida por Moles:

Criação fundamental VS Criação variacional
(humana) (máquina)

7) CAMPO DE LEITURA: um modelo de texto dará assim lugar a uma infinidade de “múltiplos” todos diferentes entre si, em lugar das habituais “cópias” sempre idênticas ao modelo e a elas mesmas. Fica deste modo aberta a via para uma verdadeira arte variacional. No caso de a interactividade ser forte, o acto habitualmente passivo da leitura transforma-se numa actividade participativa de verdadeira “escrita-leitura” e o leitor assume o estatuto de “escreitor”.

8) DIAGRAMA: resume-se no seguinte diagrama este conjunto de ideias que nos serviram de suporte e que poderá sintetizar, no seu contexto, a comunicação instaurada pelo *Sintext* no quadro da Literatura Gerada por Computador:



No âmbito da criação literária interactiva, o *Sintext*, na sua modalidade de trabalho, promove uma simbiose do sistema informático com o utilizador do programa. E então o

utente já não é rigorosamente apenas um *leitor* (ainda que participativo), antes assume a sua quota-parte de *co-escriptor*.

A literatura, neste caso, parece efectivamente instaurar uma nova etapa no que concerne à criação, ao suporte e à circulação da mensagem. A disquete ou o CD, contendo um programa informático interactivo com opções abertas ao *utente/leitor*, é que vai permitir a este, dentro de determinadas restrições (regras), elaborar não só a sua *leitura* mas também a *construção* do texto a visualizar no ecrã ou a fixar por escrito na impressora.

O *Sintext* impõe regras e restrições? Sem dúvida: os comandos da linguagem que o constitui definem a sintaxe e o reportório de instruções inseríveis num programa (PGT) a aplicar sobre um texto-matriz (TGT). Mas a arte sempre foi isso: uma liberdade inventiva exercida num contexto de regras restritivas.

O que é um soneto? Uma criação poética exercida no interior de uma grelha formal de 14 versos conjugados entre si por uma determinada relação métrica e rimática.

O *Sintext* também implica o estabelecimento de uma *grelha formal* restritiva, ainda que dinamizada por um gerador aleatório: é dentro dessa grelha formal (abrangendo o programa PGT e o arquivo TGT) que o *leitor-utilizador* deverá exercer a sua criatividade. A versão de trabalho do *Sintext* propor-lhe-á precisamente tal desafio: para que o leitor projecte e crie nele os seus próprios textos. É um apelo à sua atitude de co-criador: de «*escrileitor*».

Com a era da informática, três aspectos haverá pois a reter neste novo contexto comunicacional da Ciberliteratura:

- a) Fixação da mensagem: surge um suporte novo para a escrita. Ainda que dispense a mediação do papel, a palavra escrita, potencialmente armazenada em suporte magnético, é exibida electronicamente no monitor de qualquer computador (muito embora, subsidiariamente, ela também possa ser fixada em papel através da saída para uma impressora).
- b) Circulação da mensagem: feita através da mediação de suportes magnéticos (como a disquete, o CD, o DVD) ou directamente de computador para computador por mais ou menos vastas ligações em rede (a Internet é apenas um exemplo actual).

c) Produção e recepção da mensagem: a mensagem literária assume-se estruturalmente como obra aberta - seja na sua modalidade potencial seja na sua modalidade interactiva. Tal facto implica a participação do “utilizador” para lhe dar existência verbal. Ora, sendo a mensagem constituída por opções do próprio leitor/utilizador no contexto de um labirinto por vezes inesgotável de percursos leiturais, qualquer texto final assim concretizado é também a emanação personalizada do utilizador do programa; e tal emanação é acrescida quando o programa lhe concede a possibilidade de intervir, modificando ou reescrevendo o texto potencialmente proposto.

Deste modo, ao utilizador do programa tanto pode ser reservada uma função *leitural* meramente passiva (leitura electrónica, na modalidade Demo), como pode também ser-lhe concedida a possibilidade de co-escrever o texto proposto (na modalidade de Trabalho): a recepção literária assume então o estatuto de verdadeira *co-criação*. A obra apresenta-se neste caso como um autêntico processo activo de *escrita-leitura* (ou de leitura-pela-escrita). Uma nova terminologia torna-se requerida para designar tal processo: «escreler» e «escreleitor» seriam porventura termos apropriados, não fora o pedantismo ridículo a que se poderiam prestar. É que a informática não se revela hoje como um simples suporte novo introduzido no âmbito da comunicação literária: ela está a revolucionar a própria noção de escrita e de leitura, englobando estes dois pólos comunicacionais numa nova unidade sintética totalizadora – a «escreitura».

Obras Citadas ou Relacionadas:

BARBOSA, Pedro - «Les virtualités du texte virtuel», in *Littérature, Informatique, Lecture: De la lecture assistée par ordinateur à la lecture interactive*, textes réunis par A.Vuillemin et M.Lenoble, PULIM, Presses Universitaires de Limoges, 1999, pp.237-243.

BARBOSA, Pedro - *Teoria do Homem Sentado* (livro electrónico em disquete incluindo o gerador textual automático «Sintext», em colaboração com Abílio Cavalheiro), Porto, Edições Afrontamento, 1996

BARBOSA, Pedro - *A Ciberliteratura: criação literária e computador*, Lisboa, Edições Cosmos, 1996

BARBOSA, Pedro - *O Motor Textual* (livro electrónico infinito em CD-ROM, colaboração de J. M. Torres), Porto, Edições UFP, 2001

BARBOSA, Pedro - *Ciberliteratura, Inteligência Artificial e Teoria Quântica* (e-book), Eds. Pubooteca, 2012

BOOTZ, Philippe - *Formalisation d'un modèle fonctionnel de communication a l'aide des technologies numériques appliquées à la création poétique*, thèse de doctorat, Université Paris 8 Vincennes - Saint Denis, U.F.R. Hypertextes et Hypermédias, Paris, Décembre 2001

CARVALHO, Vera - *Acaso: um palimpsesto na produção poético-tecnológica de Pedro Barbosa*, dissertação de mestrado apresentada na Universidade Mackenzie do Brasil sob orientação do Prof. Sérgio Bairon, São Paulo, 2004

HELDER, Herberto - *Poesia Toda*, Lisboa, Assírio & Alvin, 1990

MOLES, Abraham - *Art et Ordinateur*, Casterman, 1971

MOLES, Abraham - *Arte e Computador* (versão revista e atualizada para a edição portuguesa), Porto, Afrontamento, 1990.

OULIPO: *La Littérature Potentielle*, Idées, Gallimard, 1973

OULIPO: *Atlas de Littérature Potentielle*, Folio, Gallimard, 1981

VUILLEMIN, Alain ; LENOBLE, Michel - *Littérature, Informatique, Lecture: De la lecture assistée par ordinateur à la lecture interactive*, PULIM, Presses Universitaires de Limoges, 1999